

0120900092

Reçu CLT / CIV / ITH
Le 05 OCT. 2015
N° 0635

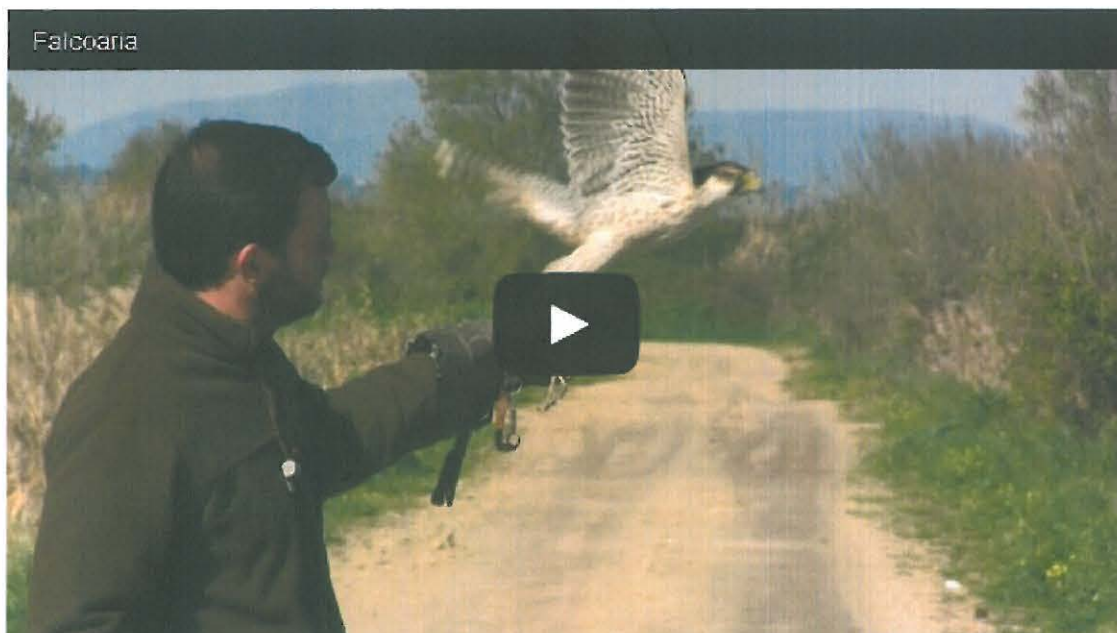
Portugal

- [Trabalho](#)
- [Michel](#)
- [Giacometti](#)
- [Pédexumbo](#)
- [Pedro](#)
- [Mestre](#)
- [Tiago](#)
- [Pereira](#)
- [Inventário](#)
 - [Expressões](#)
 - [Orais](#)
 - [Saber](#)
 - [Fazer](#)
 - [Celebrações](#)
 - [Catálogo](#)
 - [da](#)
 - [Fábula](#)
 - [Fundo](#)
 - [Giacometti](#)
- [Revista](#)

Colecta e Caça

- [Falcoaria](#)
- [Montaria do Javali](#)

Falcoaria



Designação: Falcoaria

Freguesia: Salvaterra de Magos

Concelho: Salvaterra de Magos

Distrito: Santarém

Data de recolha: 2015

Dados de inventário

Título Falcoaria

Vídeo [?] [Media](#)Resumo [?]

A falcoaria é uma modalidade de caça praticada em Portugal desde o séc. XII e assinalada no território desde a fundação da nacionalidade. Praticada por homens e mulheres um pouco por todo o país, a quem se dá o nome de falcoeiros, a sua prática manteve-se, em grande parte, inalterada ao longo dos séculos. Ainda hoje os falcoeiros utilizam técnicas, nomenclatura e materiais que distinguem esta prática ancestral. O respeito pela ave de presa, pela presa e pela Natureza são fundamentos de cada falcoeiro. A beleza do lance de caça é o valor máximo da falcoaria.

Caracterização

Caracterização [?]

A falcoaria consiste na utilização de aves de presas treinadas para a caça de animais selvagens no seu ambiente natural. Para isso o falcoeiro tem de munir-se de conhecimentos específicos sobre as aves de presa, o seu treino, sobre as espécies a capturar e seus habitats. O falcoeiro deve usar a sua sensibilidade e os conhecimentos desenvolvidos pela falcoaria, ao longo de séculos, para treinar a ave de presa e a manter em excelentes condições. Isto envolve cuidar da sua saúde e melhorar continuamente a sua condição física. Depois do processo de treino, falcoeiro e ave de presa, forjam uma parceria única. No ambiente natural das suas presas esta parceria procura vencer as estratégias naturais de fuga da presa para conseguir a sua captura. O valor mais elevado nesta demanda é o da beleza do lance de caça e não a da captura da presa.

Sobre a Prática da Falcoaria

"Na prática distingue-se entre o alto-voo e o baixo-voo:

O **alto-voo** é o mais espetacular e também o mais difícil, o mais exigente e o que reúne um maior número de condicionalismos, a par de uma menor rentabilidade na captura de peças. Neste tipo de lance são usados falcões que perseguem as suas presas no ar durante grandes distâncias e muitas vezes a grande altura. Este foi, pela sua beleza, o lance clássico da falcoaria europeia. O falcão necessita estar nas melhores condições físicas para conseguir superar a sua presa, uma vez que muitas das capturas dão-se em pleno voo.

A **altanaria** é considerada uma vertente do alto-voo. Neste lance, o falcão é solto antes da peça de caça levantar voo, de modo a que ascenda sobre o terreno de caça - "remontando" - até se colocar bem alto (na ordem da centena de metros), onde aguardará descrevendo pequenos círculos ou "tornos". Ao levantar-se a caça, o falcão cai do céu num perfurante e rapidíssimo voo picado, podendo atingir velocidades próximas dos 300 km/hora. A maioria das capturas ocorre em voo, mas ocasionalmente algumas presas são mortas por impacto. Esta modalidade requer grandes espaços abertos, pouco arborizados. Caçam-se aves como corvídeos, patos, perdizes e faisões.

Em **baixo-voo**, o lance é mais simples e produtivo na cobrança de peças de caça, mas não menos dinâmico. Neste tipo de lance, a ave caçadora é lançada diretamente do punho enluvado do cetreiro (ou de um poleiro proeminente) no encaço da peça de caça já em voo ou corrida. Depois desenvolvem-se todos os movimentos de fuga e perseguição. Quando a ave alcança a presa geralmente produz-se "o agarre", tendo nesse momento a ave de demonstrar grande bravura e mestria para abater a sua presa. As aves de presa geralmente usadas nesta variante são açores, búteos ou águias. Para esta modalidade, qualquer terreno é adequado: planura ou montanha, bosque, ribeira ou campina, podendo caçar-se tanto "pena" (patos, perdizes, faisões) como "pelo" (lebres e coelhos bravos).

Texto da Associação Portuguesa de Falcoaria in <http://www.apfalcoaria.org/> (23-02-2015)

Ler mais – ver texto completo no Documento PDF abaixo

Documentação  **Documento PDF**

Origem/Historial

Falcoaria

Não sendo possível apontar com precisão uma data para o início da prática da Falcoaria, podemos balizar o seu aparecimento como uma forma de subsistência, utilizada pelo Homem, que desempenhava um papel de espectador ativo, assistindo à forma eficaz com que falcões e outras aves de presa capturavam outras espécies, muitas vezes de porte superior ao seu.

Com o passar do tempo, o Homem percebe que ao invés de roubar as presas aos falcões, seria mais vantajoso treina-los a devolvê-las, sendo a partir de então possível falar-se de Falcoaria, momento em que surge a interação entre Homem e Falcão. Ao Homem compete não só o adestramento dos falcões, como o seu bem-estar e segurança. Do falcão espera-se que utilize as suas verdadeiras e naturais qualidades de predador, em prol desta equipa, onde lhe cabe o papel de intermediário, aguardando a recompensa pelo seu desempenho.

Podemos apontar algumas datas, em que, seguramente, já se caçava com aves de presa. O primeiro exemplo é o de um baixo-relevo assírio, onde está representado um homem com uma ave no punho, encontrado nas ruínas de Korsabad, durante as escavações ao Palácio de Sargão II. Este é o mais antigo testemunho iconográfico que se conhece sobre falcoaria, podemos apontá-la como uma arte que se pratica, pelo menos, desde o ano de 1400 a. C.

No Egito, os falcões surgem como uma representação da re-encarnação divina do Deus Horus, Deus da Lua, do Sol e dos Faraós (Crespo, 1999: 7). Sabemos que era um animal sagrado, que não era utilizado para a caça, mas acreditavam que a sua imagem transmitia força e proteção, funcionando como amuleto da sorte.

Segundo M. S. Baêna e J. M. Bravo (Oito Séculos de caça em Portugal, Euroolitho: Lisboa, 1998), a chegada desta arte à Península Ibérica tem dois focos de disseminação: um a norte a partir da Europa Central, através dos Visigodos (séc. V) outro a Sul, com os povos do Norte de África (Berberes) e do Médio Oriente (Árabes). As primeiras referências a este tema datam do ano de 506, quando as autoridades eclesiásticas proibem o Clero de praticar Falcoaria (Crespo, 1999: 63).

A Idade Média, sem dúvida, época de Ouro da Falcoaria em Portugal, assumiu na Europa uma técnica própria, incrementada tanto pelas elites como pelos grupos populares. Foi também durante este período que a falcoaria deixa de ser uma simples forma de caça e passa a ser uma das distrações prediletas da nobreza, ou, como dizia Fernão Lopes, "folgança e desenfadamento de príncipes e reis" segundo a descrição de (Crespo, 1999: 12).


Ler mais – ver texto completo no Documento PDF acima

Bibliografia  **Documento PDF**

Identificação

Domínio Conhecimentos práticos da natureza e universo
Competências em processos e técnicas tradicionais

Categoria Colecta e caça

Denominação  Falcoaria.

Indivíduo ou grupo ?	Falcoeiros individuais; Associação Portuguesa de Falcoaria
Ano de nascimento ?	1991 (APF)
Profissão ?	Não se aplica

Contexto de produção

Comunidade ou grupo ?	Falcoeiros individuais; Associação Portuguesa de Falcoaria
Ano da fundação ?	1991 (APF)

Contexto territorial

Local da recolha	Salvaterra de Magos
Freguesia	Salvaterra de Magos
Município	Salvaterra de Magos
Distrito	Santarém
País	Portugal

Contexto temporal


Data da Recolha ?	Dezembro 2013
Periodicidade ?	Não se aplica

Manifestações associadas

Manifestações associadas ?	Caçadas conjuntas, encontros de falcoeiros. Saber associado à arte de construção de materiais e acessórios (de criação, treino e caça) - Aljaveira; Caparão; Luva; Piós.
PC Material associado ?	Falcoaria Real (Salvaterra de Magos) e Pombais Equipamento e acessórios de criação, treino e caça (Alcândora; Aljaveira; Apito; Arco; Avessada; Banco; Banho; Balança; Caparão; Cascavéis; Faca-de-caça; Fiador; Luva; Malhos; Piós; Rol.)
Património Natural associado ?	Aves de presa, espécies cinegéticas, habitats naturais.

Contexto de transmissão

Estado de transmissão ?	activa
Descrição da transmissão	Aprendizagem formal, Aprendizagem informal, Aprendizagem combinada oralidade/escrit, Com recurso a espaço natural

Agentes de Transmissão  Todos os falcoeiros devem ser considerados como agentes de transmissão da prática da falcoaria. Associação Portuguesa de Falcoaria.

Transmissão ocorre, maioritariamente, por transmissão directa de conhecimentos entre os aprendizes e falcoeiros com experiência. Existe alguma bibliografia sobre falcoaria que permite aos aprendizes apreender algumas noções básicas sobre a arte. A associação portuguesa de falcoaria e algumas empresas privadas promovem cursos de iniciação à modalidade. Os conhecimentos são testados com a realização da prova de admissão à carta de caçador pelo governo de Portugal.

Idioma Português

Direitos Associados

Descrição Os direitos coletivos são de tipo consuetudinário.

Detentor Comunidade de falcoeiros

Acções de Salvaguarda

Riscos e Ameaças A falcoaria tem mantido a sua forma tradicional ao longo dos anos, alterando-se contudo o contexto social e alguns materiais dos instrumentos utilizados. A comunidade de falcoeiros não considera a prática em risco ou ameaçada, mas são importantes ações de salvaguarda para manter e para transmitir este saber. Os conhecimentos e práticas encontram-se atualmente asseguradas por cerca de 50 falcoeiros que estão no ativo e pela Associação Portuguesa de Falcoaria (com 150 associados).

Acções de Salvaguarda Melhoria da legislação relativa à caça que regula a prática da falcoaria;
Melhoria da legislação relativa à detenção e registo das aves de presa;
Implementação de um programa formal de preparação para a prática da falcoaria;
Implementação de medidas de proteção das presas e habitats naturais;
Inventariação e divulgação do património associado;
Realização de cursos de iniciação;
Realização de cursos temáticos;
Realização de encontros formais e informais de divulgação da prática;
Desenvolver programas de promoção social, em especial para crianças em idade escolar;
Realização de um programa de atividades da Falcoaria Real de Salvaterra de Magos;
Demonstrações, para os visitantes da Falcoaria Real, das aves de presa que aí se encontram;
Introdução de melhorias no programa museológico da Falcoaria Real;
Apoio a acções de preservação e investigação sobre as aves de presas e seus habitats;
Criação de um centro de documentação sobre Património Imaterial, incluindo a Falcoaria.

Equipa responsável

Entrevista Filomena Sousa

Recolha vídeo José Barbieri

Inventário Filipe Themudo Barata; Pedro Afonso e Patricia Leite

Realização José Barbieri

COURTESY TRANSLATION

MEMORIAMEDIA WEBSITE

Designation : Falcoaria

Parish : Salvaterra de Magos

Town hall : Salvaterra de Magos

District : Santarém

Date of collection : 2015

Inventory data

Title : Falconry

Video : Media

Abstract :

Falconry is a form of hunting practiced in Portugal since the twelfth century and reported on the territory since the founding of the nation. Practiced by men and women all over the country, to whom he gives the name of falconers, its practice remained largely unchanged over the centuries. Even today the falconers use technique nomenclature and materials that distinguish this ancient practice. Respect for the bird of prey, the prey itself and nature are the foundations of every falconer. The beauty of hunting bid is the maximum value of falconry.

Description:

Falconry is the use of trained birds of prey for hunting wild animals in their natural environment. For this the falconer must have specific knowledge about birds of prey, how they work out, about the species to capture and their habitats. The falconer must use their sensitivity and knowledge developed by falconry, for centuries, to train a bird of prey and keep in excellent condition. This involves looking after their health and continuously improve their physical condition. After the training process, falconer and bird of prey forged a unique partnership. In the natural environment of their prey this partnership seeks to overcome the natural prey strategies to escape and catch them. The highest demand this is the beauty of hunting bid and not the capture of prey.

About the practice of falconry

“In practice distinguishes between the high-flight and low-flight:

The **high-flight** is the most spectacular and also the most difficult, the most demanding and which brings together a large number of constrains, along with a lower profitability in catching pieces. In this type of bird are used hawks who pursue their prey in the air for long distances and often a great height. This was, for its beauty, the classic round of the European falconry. The falcon needs to be in

the best physical condition to be able to overcome its prey, since many of the shots are given in full flight.

The **wait-on flight** (“**altanaria**”) it’s considered as high-flight form. In this bid, the falcon is released before the piece of hunting take off, so that ascend on the hunting ground – “going back” – to put up high (in the order of hundred meters), where wait describing small circles or “lathes”. To get up the hunting, piece falcon falls from the sky a piercing and very rapid nosedive and can reach speeds approaching 300 km / hour. Most of the catch occurs in flight, but occasionally some preys are killed by impact. This form of hunting captures up birds such as corvids, ducks, partridges and pgeasants.

In **low-flying**, the bid is simpler and productive in collecting hunt pieces, but no less dynamic. In this type of bidding, the hunter bird is released directly from the falconer gloved fist (or a prominent perch) in the part of the trail hunting already in flight or race. Then develop in all the movements of flight and pursuit. When the bird reaches the prey usually produces up “grip”, and at that moment the bird to demonstrate great bravery and mystery to subdue its prey.

The birds of prey usually used in this variant are hawks, eagles or buteos. For this mode, any ground is suitable: plain or mountain, forest, river or meadow, being able to hunt so much “worth” (ducks, partridges, pheasants) as “fur” (hares and wild rabbits).”

Text of the Portuguese Association of Falconry in <http://www.apfalcoaria.org> / (23-02-2015)

Read more – see full text in the PDF document below

Documentation: PDF file

Origin/History

Falconry

It is not possible to point out a date for the beginning of the practice of Falconry, we can mark out its emergence as a form of subsistence used by the Mankind who played an active role of spectator, watching the efficient way in which hawks and other birds of prey captured other species, often superior to their size.

Over time, the man realizes the instead of stealing prey to hawks, it would be advantageous training them to give prey back, and from then it's possible to speak of Falconry, when it begun interaction between Man and Falcon.

The man is responsible not only haws training as well as their well-being and safety. From hawk it's expected to use their true and natural predator qualities for the sake of this team performing an intermediary role, waiting the reward for their performance.

We can point out some dates, where surely already hunted with birds of prey. The first example is an Assyrian bas-relief, which is represented a man handling a bird and found in the ruins of Korsabad, during excavation at the Palace of Sargon II. This is the oldest iconographic witness what is known about falconry and we can point to it as an art that is practiced at least since the year 1400 b. C.

In Egypt, hawks appear as a representation of the divine reincarnation of the god Horus, God of the Moon, the Sun and the Pharaohs (Crespo, 1999:7). We know it was a sacred animal, which was not used for hunting, but believed that his image conveyed strength and protection, working as lucky amulet.

In Egypt, hawks appear as a representation of the divine reincarnation of the god Horus, God of the Moon, the Sun and the Pharaohs (Crespo, 1999: 7). We know it was a sacred animal, which was not

used for hunting, but believed that his image conveyed strength and protection, working as lucky amulet.

According to M.S. Baena and J.M. Bravo (*Oito séculos de caça em Portugal*, Eurolitho, Lisboa, 1998), the arrival of this art in the Iberian Peninsula has two spreading and dissemination focuses: one to the north from Central Europe through the Visigoths (V century) the other in the South, from the peoples of North Africa (Berbers) and the Middle East (Arabs).

The first references to this subject date back to the year 506, when the ecclesiastical authorities forbid the clergy to practice Falconry (Crespo, 1999: 63).

The Middle Ages undoubtedly Golden era of Falconry in Portugal and in Europe took their own technique, enhanced both by the elites and by popular groups. It was also during this period that falconry is no longer a simple form of hunting and becomes a favorite distractions of the nobility, or, in the words of Jonathan Lopes, “play and fun of princes and kings” as described by (Crespo, 1999 : 12).

Read more – see full text in the PDF document above

Bibliography: PDF File

Identification

Domaine: Practical knowledge of nature and universe; Skills in traditional processes and techniques

Category: Collection and hunting

Designation: Falconry

Individual or group: individual falconers; Portuguese Association of Falconry

Year of birth: 1991 (APF)

Profession: Not applicable

Production context

Community or group: Individual falconers; Portuguese Association of Falconry

Year of creation: 1991 (AFP)

Territorial context

Collection site: Salvaterra de Magos

Parish : Salvaterra de Magos

Town Hall : Salvaterra de Magos

District : Santarém

Country : Portugal

Temporal context

Date of collection: December 2013

Periodicity: Not applicable

Associated events

Associated manifestations: joint hunts, falconers meetings, know-how associated with the construction of art materials and accessories (creation, training and hunt) – Meet pocket ; Hood ; Glove ; Jesses

PC associated material: Royal Falconry (Salvaterra de Magos) and Dovecote. Equipment and accessories for creating , training and hunt (Screen perch; Meet pocket; Whistle; Bow perch; Leash; Block perch; Bath; Scale; Hood; Bells; Hunting knife; Creance; Glove; Bell bewits; Jesses; Lure).

Associated Natural Heritage: prey birds, hunting species, natural habitats

Transmission context

State of transmission: active

Description of transmission: formal learning, informal learning, learning combined oral/written, with use of natural space

Transmission agents: all falconers should be regarded as the practice of Falconry transmission agents. Portuguese Association of Falconry. Transmission occurs mainly by direct transmission of knowledge between trainees and experienced falconers. There is some literature on falconry allowing apprentices learn some basics about art. The Portuguese Association of Falconry and some private companies promote introductory courses to the sport. Knowledge is tested by carrying out a survey for the hunting license by the Portuguese Government.

Language: Portuguese

Associated rights

Description: collective rights are of customary type

Holder: Community of falconers

Safeguard actions

Risks and threats: Falconry has maintained its traditional way over the years, only changing the social context and some materials of the instruments used. The falconers community does not consider the practice endangered or threatened, but are important safeguard actions to maintain and to transmit this knowledge. Knowledge and practices currently are handled by about 50 falconers who are in active and the Portuguese Association of Falconry (150 members).

Safeguard actions: Improved legislation on hunting which regulates the practice of falconry; Better regulation relating to the keeping and registration of birds of prey; Implementation of a formal program of preparation for the practice of falconry; Implementation of protective measures of prey and natural habitats; Inventory and dissemination of associated heritage; Conducting beginner courses; the development of thematic courses; Hold formal and informal meetings of practice dissemination; Develop social promotion programs, particularly for schoolchildren; Realization of a Salvaterra de Magos Royal Falconry activity program; Demonstration for visitors to the Salvaterra de Magos Royal Falconry bird of prey that are there; Improvement to the museum program of the Salvaterra de Magos

Royal Falconry; Support to the preservation actions and research projects into the prey birds and their habitats; Creation of a documentation center on Intangible Heritage, including falconry.

Responsible team

Interview: Filomena Sousa

Video collection: José Barbieri

Inventory: Felipe Themudo Barata; Pedro Afonso e Patricia Leite

Directed by: José Barbieri

Archive

File K7: Not applicable

File HDD: 4/Falcoaria

FALCOARIA – Portugal

Resumo

A falcoaria é uma modalidade de caça praticada em Portugal desde o séc. XII e assinalada no território desde a fundação da nacionalidade. Praticada por homens e mulheres um pouco por todo o país, a quem se dá o nome de falcoeiros, a sua prática manteve-se, em grande parte, inalterada ao longo dos séculos. Ainda hoje os falcoeiros utilizam técnicas, nomenclatura e materiais que distinguem esta prática ancestral. O respeito pela ave de presa, pela presa e pela Natureza são fundamentos de cada falcoeiro. A beleza do lance de caça é o valor máximo da falcoaria.

Caracterização

A falcoaria consiste na utilização de aves de presas treinadas para a caça de animais selvagens no seu ambiente natural. Para isso o falcoeiro tem de munir-se de conhecimentos específicos sobre as aves de presa, o seu treino, sobre as espécies a capturar e seus habitats. O falcoeiro deve usar a sua sensibilidade e os conhecimentos desenvolvidos pela falcoaria, ao longo de séculos, para treinar a ave de presa e a manter em excelentes condições. Isto envolve cuidar da sua saúde e melhorar continuamente a sua condição física. Depois do processo de treino, falcoeiro e ave de presa, forjam uma parceria única. No ambiente natural das suas presas esta parceria procura vencer as estratégias naturais de fuga da presa para conseguir a sua captura. O valor mais elevado nesta demanda é o da beleza do lance de caça e não a da captura da presa.

"Na prática distingue-se entre o alto-voo e o baixo-voo:

O **alto-voo** é o mais espetacular e também o mais difícil, o mais exigente e o que reúne um maior número de condicionalismos, a par de uma menor rentabilidade na captura de peças. Neste tipo de lance são usados falcões que perseguem as suas presas no ar durante grandes distâncias e muitas vezes a grande altura. Este foi, pela sua beleza, o lance clássico da falcoaria europeia. O falcão necessita estar nas melhores condições físicas para conseguir superar a sua presa, uma vez que muitas das capturas dão-se em pleno voo.

A **altanaria** é considerada uma vertente do alto-voo. Neste lance, o falcão é solto antes da peça de caça levantar voo, de modo a que ascenda sobre o terreno de caça - "remontando" - até se colocar bem alto (na ordem da centena de metros), onde aguardará descrevendo pequenos círculos ou "tornos". Ao levantar-se a caça, o falcão cai do céu num perforante e rapidíssimo voo picado, podendo atingir velocidades próximas



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE FALCOARIA



dos 300 km/hora. A maioria das capturas ocorre em voo, mas ocasionalmente algumas presas são mortas por impacto. Esta modalidade requer grandes espaços abertos, pouco arborizados. Caçam-se aves como corvídeos, patos, perdizes e faisões.

Aves de presa utilizadas:

As aves de presa, em linguagem cetrreira, são caracterizadas de acordo com alguns aspectos práticos:

"Nobres" e "Ignóbeis". Referem-se a determinados atributos psicológicos e físicos que determinam, ou não, capacidades especiais das aves, entre estas a rapidez de voo e as formas de atacar e prear. A forma de alimentação é também uma característica de diferenciação. Estão aquelas aves que no seu meio natural não se alimentam de cadáveres, possuem um psiquismo próprio e são rápidas e fulminantes nos seus voos de caça. Estas são as designadas como "nobres" e incluem os diversos e verdadeiros Falcões (género *Falco*) e os Açores e Gaviões (género *Accipiter*). As "ignóbeis" são todas as outras aves rapaces, incluindo as Águias. Podem alimentar-se de cadáveres, são, de um modo geral, de evolução lenta nos seus voos e apresentam um psiquismo diferente, mais oportunista que as anteriores.

De **"alto-voo"** e de **"baixo-voo"**. Dentro das aves "nobres", consideradas as autênticas aves de cetraria, há que distinguir as de "alto-voo", ou seja, os Falcões, e as de "baixo-voo", ou seja, os Açores e Gaviões.

Idades, plumagens e sexos. As aves de cetraria mudam as suas penas uma vez por ano. Deste modo, a idade da ave é determinada pelo número de mudas efectuadas sendo frequentemente usada a expressão *"tal ave tem tantas mudas"* para fazer referência à idade da ave. O termo "entremudado" é atribuído aos indivíduos que somente realizaram a primeira muda, conservando ainda, por conseguinte, algumas das penas de juvenil. Em cetraria, a ave "nobre" de sexo masculino é designada por "terçó" e a de sexo feminino por "prima". Estes termos estão relacionados com o facto de os "terços" serem, segundo se afirma, cerca de um terço mais pequenos que os "primas". Uns e outros têm as suas vantagens em cetraria: os "terços" são mais ágeis, enquanto os "primas" são mais poderosos. (Em cetraria as aves "nobres" são referidas no masculino).

Lista de material utilizado em cetraria por ordem alfabética.

EQUIPAMENTO:

Alcândora: vara onde se mantêm poisadas as aves caçadoras. Para evitar enleies da "avessada" e "piós", suscetíveis de causarem desastres, a "alcândora" tem inferiormente um saioite de lona, de pano ou de coiro.

Aljaveira: pequena bolsa de coiro de pendurar no cinto, para transporte de viandas e picadas a dar às aves caçadoras. Serve também para transportar utensílios de Cetraria. (Deriva de "Aljava": bolsa mais pequena e de linho, e que, segundo Carolina Michaëlis de Vasconcellos, veio a dar o moderno termo algibeira).

Apito: de bom som, sempre com o mesmo sinal, para chamar de longe a ave de Cetraria. Pode, em sua substituição, empregar-se um chamamento gutural que se denominará por "Reclamo" (não confundir com



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE FALCOARIA



a "Grita", uma voz estimulante que terá o duplo fim de advertir a ave de Cetraria do levante da caça e, ao mesmo tempo, provocar esse mesmo levante).

Arco: em madeira ou metal, simula um ramo de árvore para manter as aves de baixo-voo no "jardim".

Avessada: correia, de cerca de um metro e meio a dois metros de comprimento, de coiro curtido a cromo para, em ligação com as "piós", por meio do "tornel", sujeitar as aves caçadoras às "alcândoras" e aos "bancos".

Banco: tronco de cone invertido, geralmente de madeira, com haste inferior de ferro, que se crava no solo arrelvado do "jardim". Desenhado para o repouso das aves de Cetraria ao ar livre.

Banho: recipiente com água fresca e límpida, colocado no "jardim". Sempre à disposição das aves caçadoras para beberem e banharem-se. Bornal: bolsa de coiro, de pendurar a tiracolo, com forma típica da Cetraria. Maior que a "aljaveira", além do transporte de utensílios, é também utilizada para transportar alimento para a ave e, incluso, para o seu cetreiro.

Balança: indispensável para o registo diário do peso da ave. Com ela aferimos a condição corporal da ave e a quantidade e qualidade de alimento a administrar.

Caparão: capuz de coiro para cobrir a cabeça das aves de Cetraria, tapando-lhes a visibilidade, a fim de se manterem tranquilas. Necessário para os Falcões de "altanaria", é dispensável para o Açores bem adestrados. Aperta-se e alarga-se (ou fecha-se e abre-se) ao nível do pescoço, à altura da nuca, por meio de correias denominadas "serradoiros".



Vários modelos de caparão

Cascavéis: guizos típicos de bom som que, presos aos "sancos" ou tarsos das aves de Cetraria, permitem localizá-las mais facilmente entre o arvoredo, matos, ervas altas.

Faca-de-caça: pequeno punhal-faca, utilizado para abreviar o fim das peças preadas e também para facilitar a "cortesia", pedaço da presa que se oferece como prémio à ave caçadora.



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE FALCOARIA



Fiador: cordel longo, de quinze a vinte metros, de boa consistência, para assegurar os primeiros voos ao punho, sem perigo de extravio da ave.

Luva: de forma tradicional, com borla de coiro no ângulo inferior do canhão. Se destro, o cetreiro leva-a na mão esquerda.



Luva, cascavéis, pió, tornel e avessada

Malhos: pequenas correias que sujeitam os "cascavéis" aos "sancos" das aves caçadoras.

Piós: correias, com cerca de vinte centímetros de comprimento, colocadas em volta dos "sancos" das aves caçadoras, para as sujeitar ao punho ou, em ligação com o "tornel" e "avessada", às "alcândoras" e aos "bancos". O singular deste vocábulo é "pió" e o género é feminino. Quando a ave de Cetraria está aparelhada com as suas "piós", "malhos" e "cascavéis", diz-se estar "guarnecida".

Rol: negaça para chamar do alto os Falcões em voo. É normalmente confeccionada em coiro, forrando uma armação em forma de ferradura de cavalo (ou mesmo uma ferradura) e cosendo-se-lhe, tradicionalmente, em cada face exterior, um par de asas de ave. No meio contém dois "atadores" que prenderão a carne de "encarnar" o "rol". Preso por uma correia, o "rol" é volteado (ou "rolado") no ar, ao mesmo tempo que se vai chamando o Falcão que deverá, então, "fazer-se a ele", consentindo-se-lhe, por prémio, que saboreie umas picadas do alimento atado no "rol". Para os seus Açores ou para as suas Águias, costumam os cetreiros atraí-los com "negaça" de arrasto, confeccionada de pele de lebre, de coelho ou de raposa, contendo igualmente "atadores" para "encarnar".

Telemetria: a maior revolução dos métodos milenares da cetraria, em especial para os praticantes de alto voo. Consiste num conjunto constituído por um emissor e um recetor, sendo o primeiro de construção ligeira, que lhe permite ser transportado pela ave. O emissor emite um sinal que é captado pelo recetor, indicando ao falcoeiro a direção onde se encontra a sua ave.



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE FALCOARIA



MEMORIA
imaterial
Cooperativa Cultural

IELT
INSTITUTO DE ESTUDOS DE LITERATURA TRADICIONAL
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS - UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

FCSH FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA





Equipamento de Telemetria

Tornel: pequeno duplo-anel metálico com eixo, para ligar as "piós" à "avessada", facilitando o destorcer. Ao conjunto das "piós", do "tornel" e da "avessada" dá-se o nome de "peias".

Treina: peça de caça pré-capturada para largar durante o treino da ave caçadora. Haverá o maior cuidado em não consentir que a ave de Cetraria contraia o péssimo hábito de "sopezar", isto é, de fugir com a peça que preou.

Varais: varas formando um retângulo, com suspensórios e quatro pés, que permitem transportar ao campo de caça várias aves de Cetraria ao mesmo tempo, de modo a que umas descansem, enquanto evoluem outras.

INSTALAÇÕES:

As aves de Cetraria - não devem ser mantidas em gaiolas ou jaulas, devido ao risco de partirem rémiges e retrizes e ferirem as ceras dos bicos contra as grades ou redes. Mantêm-se nas "mudas" e no "jardim".

Mudas: dizem-se das casas onde permanecem as "aves-nobres", pois, por vezes, aí são mantidas durante toda a época da muda das penas. Fora dessa época são habitualmente colocadas no "jardim", de onde, ao fim do dia, são recolhidas e instaladas nas "mudas" para pernoitar. As "mudas" também se designam por "falcoeiras" e "açoreiras" ou simplesmente por "falcoaria".

Jardim: terreno relvado onde as aves de Cetraria, durante o dia, permanecem, repousam e tomam banho.

Existem outras actividades que se aparentam e relacionam com a falcoaria, como são as demonstrações de aves de presa, controlo de fauna, etc. No entanto, não se podem considerar como tal."

Fotos e texto in <http://www.apfalcoaria.org/> Fotos - Foto© MarshallRadio



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE FALCOARIA



História e Origem

Não sendo possível apontar com precisão uma data para o início da prática da Falcoaria, podemos balizar o seu aparecimento como uma forma de subsistência, utilizada pelo Homem, que desempenhava um papel de espectador ativo, assistindo à forma eficaz com que falcões e outras aves de presa capturavam outras espécies, muitas vezes de porte superior ao seu.

Com o passar do tempo, o Homem percebe que ao invés de roubar as presas aos falcões, seria mais vantajoso treina-los a devolvê-las, sendo a partir de então possível falar-se de Falcoaria, momento em que surge a interação entre Homem e Falcão.

Ao Homem compete não só o adestramento dos falcões, como o seu bem-estar e segurança. Do falcão espera-se que utilize as suas verdadeiras e naturais qualidades de predador, em prol desta equipa, onde lhe cabe o papel de intermediário, aguardando a recompensa pelo seu desempenho.

Podemos apontar algumas datas, em que, seguramente, já se caçava com aves de presa. O primeiro exemplo é o de um baixo-relevo assírio, onde está representado um homem com uma ave no punho, encontrado nas ruínas de Korsabad, durante as escavações ao Palácio de Sargão II. Este é o mais antigo testemunho iconográfico que se conhece sobre falcoaria, podemos apontá-la como uma arte que se pratica, pelo menos, desde o ano de 1400 a. C.

No Egito, os falcões surgem como uma representação da re-encarnação divina do Deus Horus, Deus da Lua, do Sol e dos Faraós (Crespo, 1999: 7). Sabemos que era um animal sagrado, que não era utilizado para a caça, mas acreditavam que a sua imagem transmitia força e proteção, funcionando como amuleto da sorte.

Segundo M. S. Baêna e J. M. Bravo (Oito Séculos de caça em Portugal, Eurolitho: Lisboa, 1998), a chegada desta arte à Península Ibérica tem dois focos de disseminação: um a norte a partir da Europa Central, através dos Visigodos (séc. V) outro a Sul, com os povos do Norte de África (Berberes) e do Médio Oriente (Árabes).

As primeiras referências a este tema datam do ano de 506, quando as autoridades eclesiásticas proibem o Clero de praticar Falcoaria (Crespo, 1999: 63).

A Idade Média, sem dúvida, época de Ouro da Falcoaria em Portugal, assumiu na Europa uma técnica própria, incrementada tanto pelas elites como pelos grupos populares. Foi também durante este período que a falcoaria deixa de ser uma simples forma de caça e passa a ser uma das distrações prediletas da nobreza, ou, como dizia Fernão Lopes, “folgança e desenfadamento de príncipes e reis” segundo a descrição de (Crespo, 1999: 12).

Os falcões são utilizados como demonstração de poder e grandeza, fazem parte de armas e brasões, considerados de tamanha importância, funcionam muitas vezes como moeda de troca, inseridos nos dotes de casamento das princesas e para pagamento de resgates de guerra (Crespo, 1999: 13).



Eis a descrição de um desses episódios: “O Conde de Nevers, filho de Filipe, o Destemido, duque de Burgonha, foi feito prisioneiro dos Árabes na Batalha de Nicópolis. Aí visitou a falcoaria do sultão Bajazeto, que, segundo as descrições, albergava mais de sete mil falcoeiros e uma infinidade de aves de presa. O duque de Borgonha mandou então presentear o sultão com doze raríssimos falcões brancos. Como prova de gratidão, o sultão concedeu a liberdade a seu filho” (Baêna & Bravo 1998: 63).

Não é, pois, surpreendente que se tenha tornado prática comum os homens ilustres fazerem-se representar empunhando um falcão, nos quadros, em selos, moedas, etc., como forma de evidenciar a sua importância.

Como todo o desporto ou atividade que se pratica, a Falcoaria obedece a leis e normas que se foram incrementando ao longo dos anos. Por isso, desde o século XIII, vão-se escrevendo os primeiros “Tratados de Falcoaria” europeus. Ao tratados corresponde a fixação de verdadeiras normas que foram estruturando esta atividade.

Tal como a sociedade, também os falcões eram hierarquizados, sendo utilizados conforme a graduação social dos seus proprietários: “O gerifalte aos reis, os falcões aos príncipes e duques, as aves bastardas aos barões, o sacre aos cavaleiros, o ógea aos senhores, o esmerilhão às damas, o tagarote ao gentil-homem, o gavião aos clérigos, o açor aos albardeiros, os peneireiros aos criados” (Crespo 1999: 13).

Podendo afirmar-se que, tal como o país, também a Falcoaria passou por um período de interregno. São poucas as referências documentais referentes à prática da Falcoaria em Portugal, durante a dinastia filipina, no entanto é neste período que Diogo Ferreira, descendente de uma família de falcoeiros, na altura com sessenta anos de idade, edita o livro “Arte da caça de Altanería”.

No século XVIII inicia-se um novo período de Falcoaria no nosso país, associado agora à construção da Falcoaria Real de Salvaterra de Magos.

A localização junto do Rio Tejo, que permitia tanto a caça de aves ribeirinhas, como as garças-reais, a proximidade a Lisboa, a par das suas coutadas reais, onde abundavam as presas, podem ter sido condicionantes favoráveis para a construção de um Paço Real, de um teatro de ópera e também da Falcoaria Real, a única existente em Portugal e atualmente na Península Ibérica.

Com efeito, a caça foi o principal motivo para as frequentes deslocações da Corte portuguesa a esta vila, que, durante as temporadas da caça, funcionava como uma espécie de “capital do reino” como o demonstram alguns documentos e decretos assinados em Salvaterra de Magos durante esse período.

Alguns acontecimentos históricos mais relevantes permitem constatar que já desde o século XIII existiam em Salvaterra condições para poder receber Embaixadores e gente ilustre, como comprova o contrato de casamento da Infanta D. Beatriz com o Rei D. João de Castela, realizado nesta vila em 1383 (Correia & Guedes, 1989:11).



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE FALCOARIA



A caça podia ser o principal atrativo para as deslocações da Corte a Salvaterra de Magos, no entanto a vila oferecia uma série de distrações equiparada a um centro de cultura por excelência, onde para além de se ocuparem da sua forma de desenfadamento predileta – a caça - podiam ainda assistir ao Teatro de Ópera.

Foi neste contexto que no século XVIII se constrói a Falcoaria Real em Salvaterra de Magos, construindo-se edifícios próprios para acolher falcões e falcoeiros. Esta vila reunia todas as condições para a construção da única Falcoaria Real portuguesa, como já foi mencionado, a sua localização geográfica, a proximidade com o Rio Tejo, que facilitava a caça a aves pesqueiras, e as suas magnificas coutadas, foram certamente uma mais-valia.

Durante o reinado de D. Maria I e de D. João VI, esta atividade começa a decair, tendo estes monarcas um especial interesse na montaria e na caça às perdizes, embora se tenha mantido o funcionamento da Falcoaria Real de Salvaterra de Magos (Melo, 1998).

A fuga da família real para o Brasil, motivada pelas invasões francesas e o clima de instabilidade política que se seguiu dá origem a um novo declínio na Falcoaria em Portugal, entenda-se declínio desta prática de caça e do edifício. A caça estava tão enraizada nos costumes da corte portuguesa, que chegam a ser enviadas perdizes para o Rio de Janeiro, para que o rei se pudesse distrair com um dos seus passatempos de eleição.

“O Príncipe, lá do Brasil, preocupado com as perdizes que não chegavam vivas à corte do Rio de Janeiro, impedindo-o de se divertir na caça, punha em causa a atuação do Monteiro Mor em exercício” (Melo, 1998: 59)

As invasões francesas, a decadência do edifício da Falcoaria Real de Salvaterra, o aperfeiçoamento das armas de fogo e até mesmo a abolição das coutadas reais, conduzem ao “ao aniquilamento total: um que outro cetreiro, um que outro agrupamento, mantiveram na Europa a chama viva de um fogo antigo”. (Bravo,1982: 484)



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE FALCOARIA



MEMORIA
imaterial
Cooperativa Cultural

IELT
INSTITUTO DE ESTUDOS DE LITERATURA TRADICIONAL
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS - UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

FCSH FACULDADE DE CIÊNCIAS
SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA



Fotografias



Pedro Féria – falcoeiro



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE FALCOARIA



United Nations
Educational, Scientific and
Cultural Organization



UNESCO Chair in Intangible Heritage
and Traditional Know-How: Linking Heritage
University of Évora



Falcoaria Real - Salvaterra de Magos



Bornal



Caparão



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE FALCOARIA





Falcão Lanário



Falcão Gerifalte





Falcão Sacre



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE FALCOARIA



COURTESY TRANSLATION

MEMORIAMEDIA WEBSITE ATTACHED PDF FILE

FALCONRY – Portugal

Abstract

Falconry is a form of hunting practiced in Portugal since XIIIth century and reported on the territory since the founding of the nation. Practiced by men and women all over the country, to whom we call falconers, its practice remained largely unchanged over the centuries. Even today falconers use techniques, words and materials that distinguish this ancient practice. Respect for the bird, for the prey and for nature are the groundwork of every falconer. The beauty of the hunt bid is the maximum value of falconry.

Description

Falconry is the use of the trained birds of prey for hunting wild animals in their natural environment. For this the falconer must have specific knowledge about birds of prey, how they work out, about the species to capture and their habitats. The falconer must use their sensitivity and knowledge developed by falconry, for centuries, to train a bird of prey and keep in excellent condition. This involves looking after their health and continuously improve their physical condition. After the training process, falconer and bird of prey forged a unique partnership. In the natural environment of their prey this partnership seeks to overcome the natural prey strategies to escape and catch them. The highest demand this is the beauty of hunting bid and the capture of prey.

In practice distinguishes between the high-flight and low-flight:

The high-flight is the most spectacular and also the most difficult, the most demanding and which brings together a large number of constrains, along with a lower profitability in catching pieces. In this type of bird are used hawks who pursue their prey in the air of the long distances and often a great height. This was, for its heathy, the classic round of the European falconry. The falcon needs to be in the best physical condition to be able to overcome its prey, since many of the shots are given in full flight.

The wait-on (“altanaria”) it’s considered as high-flight form. In this bid, the falcon is released before the piece of hunting take off, so that ascend on the hunting ground – “going back” – to put up high (in the order of hundred meters), where wait describing small circles or “lathes”. To get up the hunting, piece falcon falls from the sky a piercing and very rapid nosedive and can reach speeds approaching 300 km / hour. Most of the catch occurs in flight, but occasionally some preys are killed by impact. This mode requires large open spaces and few trees. This from of hunting captures up birds such as corvids, ducks, partridges and pheasants.

Birds of prey used:

The birds of prey in falconry language are characterized according to some practical aspects:

“**Noble**” and “**Ignoble**”. Refer to the certain psychological and physical attributes that determine whether or not birds special abilities, among them the flight speed and forms of attack and grab. The feed medium is also a feature of differentiation. These first group are those birds in the wild do not feed on corpses, have their own psyche and are quick and scathing in its hunting flights. These are designated as “noble” and include the various and true Hawks (*genus Falco*) and the Azores and

Hawks (*Accipiter genus*). The “Ignoble” are all other birds of prey, including eagles. Can feed on corpses, are, in general, slow progress on their flights and have a different psyche, more opportunistic than first group.

“**High-flying**” and “**low-flying**”. Within the “noble” bird, considered the authentic birds of falconry, it is necessary to distinguish the “high-flying”, meaning the Hawks, and the “low-flying”, meaning the Azores and Hawks.

Ages, sexes and feathers. The falconry birds change their feathers once a year. Thus, the age of the bird is determined by the number of seedlings being carried out frequently used expression “this bird has x seedlings” to refer the age of the bird. The term “among chances” (entremudado) is assigned to individuals who only made the first changes, keeping still some of youth feathers. In falconry, the “noble” bird male is called “terçós” and the female “prima”. These terms are related to the fact that the “terçós” are, according to reports, about one-third smaller the “primas”. Both types have their advantages in falconry: the “terçós” are more agile, while the “primas” are more powerful. (In falconry the “noble” birds are referred in the masculine gender).

List of material used in falconry by alphabetical order

EQUIPEMENT:

Screen Perch: a perch where hunting birds of prey are perched. To avoid the entanglement of the “leash” and “jesses” that may cause disaster the “screen perch” has a low petticoat made of cloth or leather.

Meet pocket: a small leather bag to be held by a belt in order to transport meet tidbits to give to the hunting bird of prey. It also can be used to transport some falconry equipment (the name comes from “Aljava” an even smaller bag made of linen. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, a Portuguese author, taught this artifact name was the origin of the modern term “algibeira”, meaning “pocket”).

Whistle: it should have a strong and even sound used to call a bird used in falconry that is far away. In its substitution it can be used a strong deep call “Reclamo”, like “claim” (that should not be mistaken with “Grita” or “scream”, a strong call used to warn the falconry bird of flushing game and, at same time, to make the game flush).

Bow perch: in wood or metal. It mimics the branch of a tree. It is used to perch the low flight birds on the “weathering yard”.

Leash: a strap, of one and half meters to two meters long made in leather. It connects the “jesses”; and by the means of a “swivel”, connects the hunting bird to the “screen perch” or “block perch”.

Block perch: an inverted cone generally made of wood, with a lower and made of iron that can be spiked in the “weathering yard”. It is designed for birds of falconry rest on the outside.

Bath: a recipient with clean fresh water to be placed on the “weathering yard”. It is always at the disposal of the hunting bird, for it to drink and to bathe.

Falconry bag: a leather bag to use has a shoulder belt in a falconry typical fashion. Bigger than the “meet pocket”, beside the transportation of equipment it is also used to transport food for the bird and even for its falconer.

Scale: invaluable to the register of the daily weight of the bird. With it the falconer studies the bird's body condition and the quantity and quality of the food to be given to the bird.

Hood: a leather hood used to cover the head of the falconry birds covering its vision in order for them to keep calm. It is necessary for falcons used on the “wait-on flight” but can be expendable with well-

trained goshawks. It is opened and widens (or closed and opened) on the neck height by the means of straps called "hood braces".

Bells: typical bells with a good sound that are hold on the falconry birds "sancos" (leg) and that allows to track them in an easier way on forest ground, on the bush or grass.

Hunting knife: a small knife used to kill hunted prey in a fast way and, also, to facilitate the "cortesia" (courtesy) using a piece of the prey that is offered to the hunting bird has a reward.

Creance: a long rope, with fifteen to twenty meters, of good resistance, to ensure the first flights to the fist happen without the danger of losing the bird.

Glove: in a traditional fashion, with a tassel in the lower end of the cuff. If right-handed the falconer wears it on the left hand.

Bell bewits: small straps used to hold the "bells" to the "sancos" (see above) of the hunting birds.

Jesses: straps, with approximately twenty centimeter long placed around the hunting bird "legs" to connect them to the fist, or with the use of "swivels" and "leash" to the "screen perches" and "block perches". The singular of this word is said to be a "jess" and it's a feminine name. When the falconry bird is fitted with its "jesses", "bell bewits" and "bells" it is said to be "guarnecida" (garnished).

Lure: a decoy to call falcons flying high. Normally is made by farming leather in the shape of horseshoe (or even using a real horseshoe in the interior) and then stitching in it a pair of prey bird wings in each exterior face. In the middle it has two "atadores" (NT: straps to tie the meet) used to "encarnar o rol" (hold the meet). Connected by a string the lure is circled (or "lured") in the air at the same time the falcon is called so it comes to catch the lure and then savor some tidbit of food tied on it. To goshawks or eagles falconers normally use a decoy that is dragged, made with hare, rabbit or fox fur. It will also contain "atadores" to tie the meet (see above).

Telemetry: the biggest revolution to the milliner methods of falconry. Especially to those who practice high-flying flights. It consists of a set composed of a transmitter and a receiver, were the first is of light construction, which allows it to be transported by the bird. The transmitter emits a signal that is picked up by the receiver, indicating the falconer the direction where its bird is located.

Swivel: a small double metal ring united by an axis to connect the "jesses" to the "leash" making it easier to untwine. To the set composed of "jesses", "swivel" and "leash" is called "peias".

Bagged quarry: a pre-captured prey animal that it used to train the hunting bird. Caution should be taken to don't allow the falconry bird to develop the bad habit of "sopezar" (carrying), that is, of escape with a captured prey.

Caged perch: rods forming a rectangle, with four legs and braces, which allow transporting the several hunting birds in the field at the same time, so that some are resting while others are working.

FACILITIES:

Falconry birds: should not be kept in cages because of the risk of breaking some the major flight feathers or injure of the beak against the bars or nets. They should be kept in the "mews" and in the "weathering yard".

Mews: it's the name of the houses where "noble-birds" are kept. The name is due to the fact that birds are kept there throughout the feather molting time. Out of this time they are usually placed in the "weathering yard", from where, in the evening, they are collected and placed in the "mews" for the night. The "mews" is also call "falcoeirias" and "açoreiras" or simply "the falconry".

Garden: turfed ground where falconry birds remain during the day, rest and bathe.

There are other activities that appear and are related to falconry, as are the birds of prey demonstrations, wildlife control, etc. However, they cannot be considered as falconry.

Photos and text in: <http://www.apfalocaria.org> / Photos – Foto©MarshallRadio.

HISTORY AND ORIGIN

It is not possible to point out a date for the beginning of the practice of Falconry, we can mark out its emergence as a form of subsistence used by the Mankind who played an active role of spectator, watching the efficient way in which hawks and other birds of prey captured other species, often superior to their size.

Over time, the man realizes the instead of stealing prey to hawks, it would be advantageous training them to give prey back, and from then it's possible to speak of Falconry, when it begun interaction between Man and Falcon.

The man is responsible not only haws training as well as their well-being and safety. From hawk it's expected to use their true and natural predator qualities for the sake of this team performing an intermediary role, waiting the reward for their performance.

We can point out some dates, where surely already hunted with birds of prey. The first example is an Assyrian bas-relief, which is represented a man handling a bird and found in the ruins of Korsabad, during excavation at the Palace of Sargon II. This is the oldest iconographic witness what is known about falconry and we can point to it as an art that is practiced at least since the year 1400 b. C.

In Egypt, hawks appear as a representation of the divine reincarnation of the god Horus, God of the Moon, the Sun and the Pharaohs (Crespo, 1999:7). We know it was a sacred animal, which was not used for hunting, but believed that his image conveyed strength and protection, working as lucky amulet.

According to M.S. Baena and J.M. Bravo (*Oito séculos de caça em Portugal*, Euroolitho, Lisboa, 1998), the arrival of this art in the Iberian Peninsula has two spreading and dissemination focuses: one to the north from Central Europe through the Visigoths (V century) the other in the South, from the peoples of North Africa (Berbers) and the Middle East (Arabs).

The first references to this subject date back to the year 506, when the ecclesiastical authorities forbid the clergy to practice Falconry (Crespo, 1999: 63).

The Middle Ages undoubtedly Golden era of Falconry in Portugal and in Europe took their own technique, enhanced both by the elites and by popular groups. It was also during this period that falconry is no longer a simple form of hunting and becomes a favorite distractions of the nobility, or, in the words of Jonathan Lopes, "play and fun of princes and kings" as described by (Crespo, 1999 : 12).

Hawks are used as demonstration of power and greatness, are part of arms and blazons, considered of such importance, often function as a currency trading inserted into princesses wedding dowry and payment of war ransoms (Crespo, 1999: 13).

Here is the description of one of these episodes, "The Count of Nevers, son of Philip the Fearless, Duke of Burgundy, was taken prisoner of the Arabs in the Battle of Nicopolis. Then visited the Sultan Bayezid falconry, which according to the descriptions housed more than seven thousand falconers and a multitude of birds of prey. The Duke of Burgundy had then presents the Sultan with twelve rare white hawks. As proof of gratitude, the Sultan granted freedom to his son" (Baena & Bravo, 1998: 63).

It is therefore not surprising that it has become common practice illustrious men to be represented wielding a hawk, in the tables, stamps, coins, etc., in order to highlight its importance.

Like any sport or activity that is practiced Falconry obey rules and regulations that have been increasing over the years. Therefore, since the thirteenth century, were written the first Europeans

"Treaty of Falconry". This moment corresponds to the setting of true standards that have been structuring this activity.

As society also hawks were hierarchical, being used as the social graduation of their owners: "The gyrfalcon to kings, hawks to princes and dukes, bastard birds to barons, the sacred to knights, hobby to lords, the merlin to ladies, the tagarote to gentleman, the sparrow-hawk to the clergy, the goshawks to the halberdiers, the kestrels to servants." (Crespo, 1999: 13)

It can be argued that Portugal as Falconry went through a period of interregnum (XVII century). There are few documentary references relating to the practice of falconry in Portugal during the Spanish Philippine dynasty, however it is in this period that Diogo Ferreira, descended from a family of falconers at the time sixty years old, edits the book "Altenaria Hunting Art".

In the eighteenth century begins a new Falconry period in the country, now associated to the construction of the Salvaterra de Magos Royal Falconry.

The location next to the Tagus River, which allowed both the riverine bird hunting, as herons, the proximity to Lisbon, alongside his real land reserves with abundant preys, may have been favorable conditions for the construction of a Royal Palace, an opera house and also Royal Falconry, the only one in Portugal and currently the Iberian Peninsula.

Indeed, hunting was the main reason for the frequent journeys of the Portuguese Court to this village, which during the hunting seasons, functioned as a kind of "capital of the kingdom" as shown by some signed documents and decrees in Salvaterra de Magos during this period.

Some of the most relevant historical events help to understand that since the thirteenth century there were in Salvaterra conditions to receive Ambassadors and distinguished people, as evidenced by the marriage contract of Infanta Beatriz with King John of Castile, held in this village in 1383. (Correia & Guedes, 1989: 11).

Hunting could be the main attraction for the stay of the Court in Salvaterra de Magos, however the village offered a series of distractions treated as a culture center by excellence, where in addition to the most favorite form of enjoying – hunting – could still watch the Opera Theatre.

It was in this context that in the eighteenth century it was built the Royal Falconry in Salvaterra de Magos, with facilities to accommodate falcons and falconers. This village met all conditions for the construction of the single Portuguese Royal Falconry, as mentioned above, specially its geographical location, proximity to the Tagus River, which facilitated the hunting of fishing birds, its magnificent land reserves, were certainly a plus value.

During the reign of Queen Mary I (1777-1816) and King John (1816-1825), this activity begins to decline, although the special interest of these monarchs riding and hunting partridges; but the Royal Falconry Salvaterra de Magos keep on functioning. (Melo, 1998)

The "escape" of the Portuguese royal family to Brazil, driven by the French invasion and the climate of political instability that followed, leads to a further decline for Falconry in Portugal, meaning a decline of this hunting and even the building itself. But falconry was so rooted in the customs of the Portuguese court, that partridges gave been to Rio de Janeiro so that the king could entertain himself with his favorite hobby.

"The prince, there in Brazil, worried about the partridges that did not arrived alive to the court of Rio de Janeiro, preventing him from having fun, accuse the acting responsible (Monteiro Mor) for the situation." (Melo, 1998: 59)

The French invasion, the decay of the building of Salvaterra Royal Falconry, the improvement of firearms and even the abolition of the royal lands reserve, leading to "the total annihilation: a couple of falconers and some scattered groups kept in Europe the torch of this falconry old fire." (Bravo, 1982: 484)

LEGENDS OF IMAGES

Hood models

Glove, bells, jesses, swivel, leash

Telemetry equipment

Pedro Féria – falconer

Salvaterra de Magos Royal Falconry

Falconry bag

Hood

Lanari hawk

Gyrfalcon hawk

Sacre hawk